



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua –
LSB - PSL

**DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA SURDOCEGOS
USUÁRIOS DE LIBRAS TÁTIL EM TURMAS DE ESCRITA DE SINAIS NA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

LOUISE MARIANE DOS SANTOS BERNARDES

Brasília

2021

LOUISE MARIANE DOS SANTOS BERNARDES

**DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA SURDOCEGOS,
USUÁRIOS DE LIBRAS TÁTIL, EM TURMAS DE ESCRITA DE SINAIS NA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira - Português como Segunda Língua - LSB - PSL.

Orientador: Neemias Gomes Santana

Brasília

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho a Deus e aos meus amigos espirituais por me guiarem durante todo meu processo de formação acadêmica.

Agradeço e dedico este trabalho para minha mãe Gigliola, meu pai Luís Bernardes (*in memoriam*), minha avó Maria dos Remédios, minha irmã Eduarda, minhas gatinhas Nina e Bilu.

Agradeço aos meus professores do curso, especialmente ao meu orientador Neemias Gomes Santana, que me deixou à vontade para delinear meu tema.

Agradeço muito aos amigos e colegas que ganhei nesta longa jornada. Vocês me ajudaram, me levantaram, me fizeram sorrir, ouviram meus desabafos, me aconselharam. Karolzinha, vulgo UnBeldade, você merece um enorme destaque aqui por ter me ajudado, você foi meu anjo da guarda em diversos momentos. Aos amigos, Dheivid Roger, Israel e Paulo Vinícius, vocês têm minha eterna gratidão por me ensinarem pacientemente Libras. Agnes, Êmilly, Pamme e Eliene vocês são amigas maravilhosas também. Lucas, obrigada pelo seu apoio nas aulas, especialmente no estágio.

Natália, minha amiguinha surdacega, uma pena que a pandemia nos impediu de conversarmos mais sobre veganismo e causa animal. Dedico este trabalho a você também.

Deixo meu agradecimento também aos leitores deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso apresentará um estudo sobre o ensino de *signwriting* (escrita de sinais) e a surdocegueira, enfocando-se na comunicação por Libras tátil, não destacando a percepção auditiva. Evidenciará o curso de Língua de Sinais Brasileira – Português como segunda língua e a disciplina de Escrita de Sinais, na Universidade de Brasília; exibirá produções didáticas de alunos; apresentará sobre as dificuldades de uma aluna surdocega no ambiente acadêmico e realizará uma entrevista com alunos surdocegos que já cursaram esta cadeira na instituição. A partir das informações obtidas, construirá uma síntese a respeito dos desafios da produção de materiais didáticos para surdocegos, usuários de Libras tátil, na disciplina de Escrita de Sinais.

Palavras-chave: signwriting, surdocegueira, Libras tátil.

ABSTRACT

This course conclusion work will present a study on the teaching of signwriting (sign writing) and deafblindness, focusing on communication through tactile LSB, not highlighting auditory perception. Showcase the course of Brazilian Sign Language - Portuguese as a second language and discipline of Sign Writing, at the University of Brasília; will exhibit didactic productions by students; will present about the difficulties of a deafblind student in the academic environment and will conduct an interview with deafblind students who have already attended this subject at the institution. From the basic information, build a synthesis about the challenges of the production of teaching materials for deafblind users, users of tactile LSB, in the discipline of Writing Signs.

Key-words: signwriting, deafblindness, tactile LSB

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Escrita do sinal Língua.....	13
Figura 2 – Dança e escrita.....	14
Figura 3 – DanceWriting.....	15
Figura 4 – Parâmetros em SW.....	16
Figura 5 – Configuração de Mão e Orientação.....	17
Figura 6 – Exemplo de Movimento.....	17
Figura 7 – Ponto de Articulação em SW.....	18
Figura 8 – Perspectiva da Leitura.....	19
Figura 9 – Expressões não manuais.....	19
Figura 10 – Surdocegueira Categoria.....	20
Figura 11 – Comunicação por Libras Tátil.....	22
Figura 12 – Material didático produzido.....	25
Figura 13 - apresentação da caderneta e avaliação	26
Figura 14 - registro dos alunos	26
Figura 15 - tradução do português brasileiro para o signwriting.....	27
Figura 16 - tradução por símbolos para o signwriting.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL – American Sign Language

CM – Configuração da Mão

E – Expressões Não Manuais

IL – Instituto de Letras

LDV - Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual

LIP – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

LSB – Língua de Sinais Brasileira

M – Movimento

O – Orientação da Palma da Mão

PA – Ponto de Articulação

PPNE - Coordenação de Apoio às Pessoas com Deficiência

PSL – Português como Segunda Língua

PTE - Programa de Tutoria Especial

SW – Signwriting

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
1.1	Apresentação do tema e do problema.....	09
1.2	Justificativa.....	10
1.3	Objetivos.....	11
2	ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA.....	11
3	METODOLOGIA ADOTADA.....	12
4	SIGNWRITING.....	12
4.1	Conceituação.....	12
4.2	História.....	14
4.3	O Sistema da Escrita de Sinais.....	15
4.3.1	Parâmetros em Signwriting: algumas descrições.....	16
5	SURDOCEGUEIRA.....	20
5.1	Conceituação.....	20
5.1.1	Libras Tátil.....	22
6	O CURSO DE LSB-PSL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	23
6.1	A Disciplina de Escrita de Sinais da Universidade de Brasília.....	24
6.2	Produções de sinais escritos por alunos do curso de LSB-PSL.....	25
7	OS DESAFIOS DE UMA SURDACEGA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	28
8	ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOCEGOS: RESULTADOS.....	28
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
10	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema e do problema

Este Trabalho de Conclusão de Curso abordará aspectos teóricos da surdocegueira e do ensino de signwriting. Recorrerá a um artigo publicado pela Universidade de Brasília, afim de expor as dificuldades enfrentadas por este público em ambiente acadêmico e, contará com uma entrevista com dois alunos surdocegos da Universidade de Brasília, para refletir sobre os desafios da construção de materiais didáticos para o público surdocego, usuário de Libras Tátil, na Universidade de Brasília.

O ensino de *Signwriting* como componente curricular nos cursos de licenciatura em Língua Sinais Brasileira está presente em diversas universidades do país e, mostra-se como um conteúdo tão relevante para a formação do discente que, este, é obrigado a cursá-lo em sua grade curricular. Na Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, a disciplina é ofertada nos quintos e sextos semestres; na Universidade Federal do Amazonas, o componente pode ser visto a partir do quarto semestre e; na Universidade de Brasília a disciplina é lecionada no sexto semestre, também como cadeira obrigatória.

Estão dispostas digitalmente uma infinidade de materiais de ensino de *Signwriting* - termo traduzido para o português brasileiro como Escrita de Sinais - que, tem o objetivo de difundir o ensino e aprendizagem dos sinais escritos. Alunos surdos e alunos não surdos geralmente cursam a disciplina sem distinção quanto aos métodos de ensino e métodos avaliativos; ou seja, aprendem a ler, a escrever e a compreender a escrita de maneira equivalente. Com o ingresso de alunos surdocegos nos cursos voltados para a licenciatura em Libras, tem se levantado discussões a respeito de acessibilidade linguística para este público, em especial na disciplina de Escrita de Sinais (SW).

Essa escrita permite representar os diversos parâmetros linguísticos das línguas de sinais; ela é o registro escrito das sinalizações contendo uma série de regras às quais devem ser seguidas a fim de transmitir a informação escrita com maior clareza.

A escrita da língua de sinais utiliza símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais. Este “alfabeto” - uma lista de símbolos visualmente delineados – é utilizado para escrever movimentos de qualquer língua de sinais no mundo. (SUTTON, 1995)¹

No entanto, os recursos didáticos para o ensino de *Signwriting* podem não contemplar a totalidade dos alunos inseridos na disciplina de Escrita de Sinais dos cursos de Libras, no ensino superior. Os alunos surdocegos usuários de Libras Tátil certamente são os mais afetados, devido os métodos de ensino e a aprendizagem terem como base a visão. Desta forma, pouco ou nenhum material didático voltado para esta área, associada a este público, são elaborados; podendo transformar-se num grande desafio para os professores de *Signwriting* ao depararem com alunos surdocegos, usuários de Libras Tátil, em suas classes.

1.2 Justificativa

O direito a educação da pessoa com deficiência perpassa por todos os níveis de instrução segundo a Lei Brasileira de Inclusão e é, por tanto, garantido ao surdocego presente em ambiente acadêmico, desfrutar desta prerrogativa:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis [...]

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: [...] VI - pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva; [...] XIII - acesso à educação superior e à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

¹ Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting”, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC – Deaf Action Committee for SignWriting.

Desta forma, assim como surdos e não surdos têm acesso ao mesmo material para obter conhecimento e domínio sobre a Libras na modalidade escrita, os alunos com surdocegueira deveriam, com as devidas adaptações, ter acesso ao mesmo material.

O presente trabalho justifica-se também numa possível contribuição ao meio acadêmico e, aos futuros discentes surdocegos usuários de Libras tátil, que venham a ingressar nas licenciaturas em Libras, e tenham como disciplina obrigatória a Escrita de Sinais.

1.3 OBJETIVOS

Sabendo que, “O sujeito pode ter cegueira e baixa audição; surdez profunda e baixa visão; baixa visão e audição ou ter cegueira e surdez profundas” (IBC, 2021), o objetivo deste trabalho é aprofundar-se no universo da surdocegueira, com enfoque na comunicação tátil, não destacando a percepção auditiva; afim de refletir sobre os desafios da construção de materiais didáticos para o público surdocego, usuário de Libras Tátil, na Universidade de Brasília.

Para chegar ao resultado almejado, será preciso apresentar teóricos do signwriting e da surdocegueira e suas principais personalidades; também apresentaremos brevemente o curso de Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua e a disciplina Escrita de Sinais da Universidade de Brasília; por último, apresentaremos uma entrevista feita com dois alunos surdocegos da Universidade de Brasília afim de correlacionar sobre como o que é proposto na ementa da disciplina Escrita de Sinais é recebido por ela. As imagens e *sites* de materiais de ensino e aprendizagem dedicados às áreas exibidas neste trabalho, são frutos de pesquisas disponíveis na *internet* e não via presencial, devido ao período de pandemia que o ano de 2021 apresenta.

2 ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

A construção deste trabalho está segmentada em cinco capítulos. O primeiro capítulo é dedicado a abordar sobre a Escrita de Sinais e, estrutura-se em três

subtítulos: Conceituação, que tem o objetivo de definir o termo Signwriting; História, que procura discorrer sobre o surgimento desta escrita; e, por último, O Sistema da Escrita de Sinais, que informa as especificações principais que estruturam o Signwriting.

O segundo capítulo é destinado a abordar a Surdocegueira, sendo estruturada em dois subtítulos: Conceituação, com a finalidade de explicar o que é a surdocegueira e; Libras Tátil, abordando sucintamente este método de comunicação.

O capítulo seguinte dedica-se a apresentar sobre a graduação em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua na Universidade de Brasília, além de tratar sobre a disciplina de Escrita de Sinais ofertada pelo departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas e; apresentará produções de sinais escritos por alunos do curso.

O capítulo quatro pesquisa, baseando-se no artigo *Direito à Comunicação e Informação para Estudantes Surdocegos na Universidade de Brasília*, publicado pela Universidade de Brasília, sobre as dificuldades enfrentadas por uma aluna surdocega no contexto acadêmico.

Por último, publicará uma entrevista feita com dois alunos surdocegos, da Universidade de Brasília, afim de correlacionar sobre como o que é proposto na ementa da disciplina de Escrita de Sinais é recebido por eles.

3 METODOLOGIA ADOTADA

O início do estudo foi executado explorando referenciais teóricos com revisão bibliográfica acerca da Escrita de Sinais (SignWriting) e da Surdocegueira. Tendo como finalidade, maior familiarização com as temáticas e a construção de uma síntese a respeito dos desafios da produção de material didático para surdocegos, usuários de Libras tátil, em turmas de Escrita de Sinais na Universidade de Brasília. O levantamento de informações se deu por intermédio de artigos, documentos, *sites*, livros e teses de pós graduação, apresentando como referências principais os estudos de CADER-NASCIMENTO, STUMPF, SUTTON entre outros.

4 SIGNWRITING

4.1 Conceituação

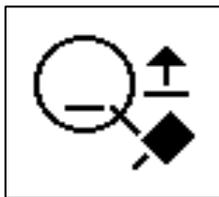
O termo *Signwriting* ou Escrita de Sinais, em português, refere-se ao registro escrito dos sinais. Nas línguas orais a escrita pode ser lida e oralizada porque cada símbolo gráfico registrado no papel – ou meios digitais – simboliza um tom sonoro específico que, combinados, resultam no som de uma palavra. Enquanto no idioma português o som da palavra *língua* pode ser grafado utilizando as letras L – I – N – G – U – A, pertencentes ao alfabeto latino; nas línguas de sinais pode-se fazer uso de representações gráficas, derivadas dos parâmetros² das línguas de sinais, sem a necessidade de recorrer a empréstimos alfabéticos da língua portuguesa ou qualquer outro idioma oral auditivo. Cada língua de sinais consegue utilizar este sistema de escrita para comunicação.

[...] o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades de relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia [...] (STUMPF, 2008)

A figura a seguir descreve por escrito, em Libras, o sinal da palavra *língua* que, em substituição às letras do alfabeto, foram utilizadas figuras que representem os parâmetros: Configuração de Mão, Movimento, Ponto de Articulação, Orientação da Palma da Mão e Expressão não Manual:

² Na década de sessenta, o linguista norte americano Willian Stokoe, ao estudar a língua norte americana de Sinais (ASL), percebe que as línguas de sinais têm características fonológicas assim como as línguas orais; são representadas pelos parâmetros configuração de mão, movimento e ponto de articulação. Estudos posteriores a Stokoe observaram novos parâmetros: orientação da palma da mão e expressões não manuais que, combinados aos parâmetros primários, dão origem ao sinal.

Figura 1 Escrita do sinal Língua



Fonte: Software SignPuddle online, 2021.

4.2 História

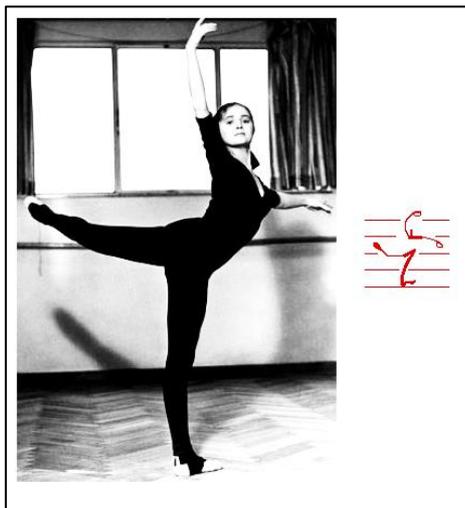
A Escrita de Sinais foi eventualmente desenvolvida pela dançarina estadunidense Valerie Sutton em 1974 que, inicialmente, tinha o objetivo de registrar movimentos de dança; no entanto, a partir desta produção, originou-se o sistema de escrita de sinais mais difundido pelo mundo (WANDERLEY, 2012, p.45).

Sutton produziu o *DanceWriting* – nome designado à escrita visual para a dança – que descreve iconicamente o trajeto dos passos de dança assim como partituras musicais descrevem os tons de uma canção. Este sistema tem a capacidade de detalhar numerosas movimentações:

O sistema de sinais criado por ela é composto por treze categorias: 1 - Orientação e posições de mão, 2 - Tipos de contatos, 3 - Configuração de Mão, 4 - Movimentos de dedos, 5 - Movimentos de braços e apontação, 6 - Expressões Faciais, 7 - Localizações de símbolos de cabeça, 8 - Movimentos de cabeça, 9 - Orientações de olhar, 10 - Movimentos de corpo, 11 - Movimentos de corpo, 12 - Símbolos de pontuação e 13 - Dinâmicas de movimentos. (WANDERELEY, 2012, p.46)

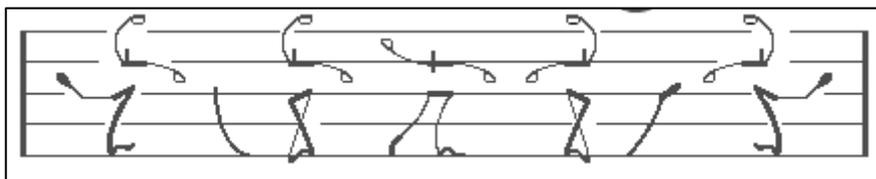
As figuras a seguir exemplificam como o *DanceWriting* captura um movimento de dança e transcreve-o por escrito:

Figura 2 Dança e escrita



Fonte: Página do site dancewriting.org³

Figura 3 DanceWriting



Fonte: Página do site dancewriting.org

A difusão de um sistema escrito que consegue representar movimentos de maneira não arbitrária, chamou a atenção de pesquisadores dinamarqueses que procuravam uma maneira de descrever, por escrito, os sinais; Sutton foi, pela Universidade de Copenhague, na Dinamarca, solicitada para auxiliá-los (STUMPF, 2009).

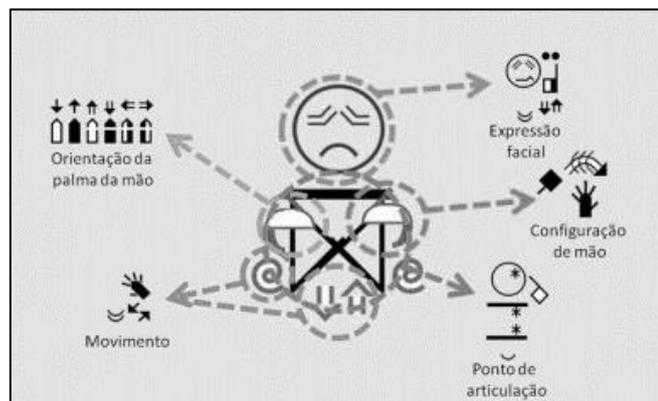
Valerie Sutton trouxe inúmeras contribuições para o surgimento do *Signwriting* e, embora suas tentativas de escrever sinais terem como base o *DanceWriting*, prestou assistência na elaboração de trabalhos que puderam, a partir de seus feitos, tornar a Escrita de Sinais uma possibilidade. O *signwriting* ganhou vida e hoje possui suas próprias características (STUMPF, 2009).

4.3 O Sistema da Escrita de Sinais

³ Disponível em: <<https://www.dancewriting.org/library/gallery/source/1.html>>. Acesso: 04 ago. 2021.

A Escrita de Sinais obedece a um sistema de regras que tornam o registro escrito legível e compreensível. Sua construção baseada na visão apresenta a maneira mais aproximada de registrar uma língua de sinais (WANDERLEY, 2012, p. 47). A seguir, serão exibidas imagens extraídas do livro eletrônico *Como Escrever em Libras*, do autor Ricardo Barros (2020), explorando algumas das características principais que desse sistema:

Figura 4 Parâmetros em SW



Fonte: Imagem extraída do Livro *Como Escrever em Libras*⁴

Em seu livro eletrônico *Como Escrever em Libras*, BARROS (2020) denomina como *grafema* os símbolos gráficos, informando que para cada parâmetro da Libras há um grafema que deve ser representado na escrita.

4.3.1 Parâmetros em *Signwriting*: algumas descrições

Em línguas de sinais, os Parâmetros podem ser explicados como um passo a passo de como realizar um sinal visual – as línguas orais obedecem aos mesmos princípios para articular uma palavra sonora –. Temos como Parâmetros a: Configuração de Mão (CM), que corresponde ao formato das mãos; Movimento (M), representando a movimentação dos sinais; Ponto de Articulação (PA), informa o local que o sinal é realizado, podendo ser numa parte do corpo ou no espaço neutro;

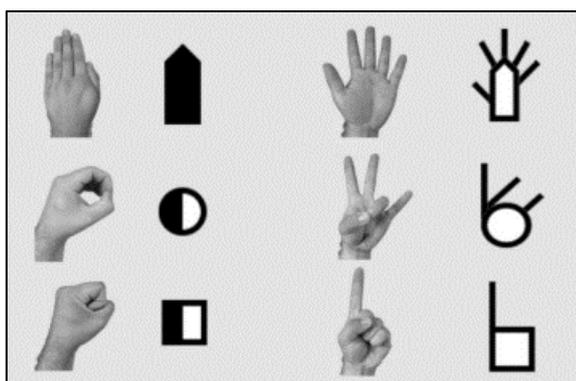
⁴ Disponível em:

<https://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1278_BR_Como_escrever_em_Libras_Ricardo_Barros_05292020.pdf>. Acesso: 04 ago. 2021.

Orientação da Palma da Mão (O), que representa a direção que a palma da mão aponta ao realizar um sinal e; Expressões Não Manuais (E), definidas pelas maneira como o rosto e corpo se manifestam durante a realização do sinal.

BARROS (2020) exemplifica que, em *Signwriting*, a Configuração de Mão são os símbolos icônicos do formado das mãos.

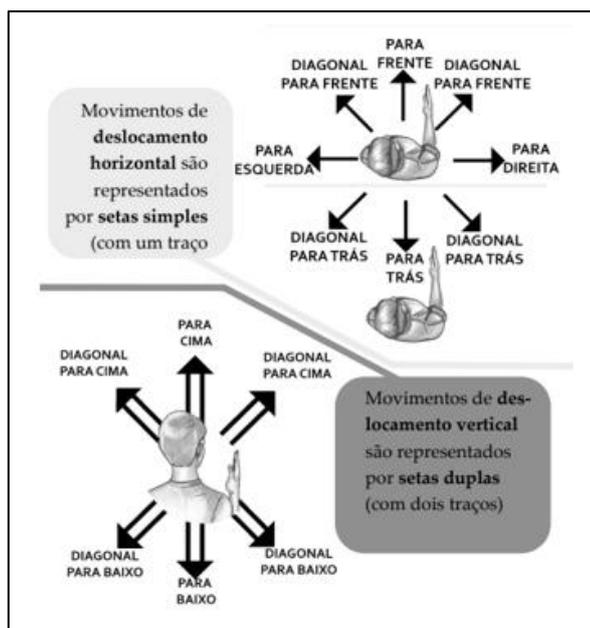
Figura 5 Configuração de Mão e Orientação



Fonte: Imagem extraída do Livro Como Escrever em Libras

Ainda conforme BARROS (2020) os Movimentos também obedecem a padrões. Existem diversos símbolos que representam este parâmetro. Veja um dos exemplos abaixo:

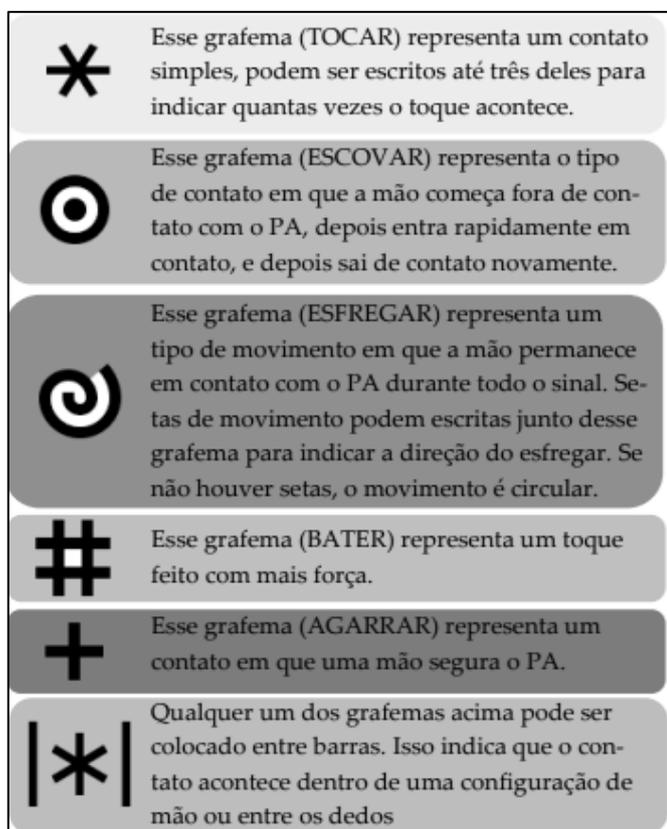
Figura 6 Exemplo de Movimento



Fonte: Imagem extraída do Livro Como Escrever em Libras

Para representar os Pontos de Articulação, usa-se grafemas de contato como:

Figura 7 Ponto de Articulação em SW



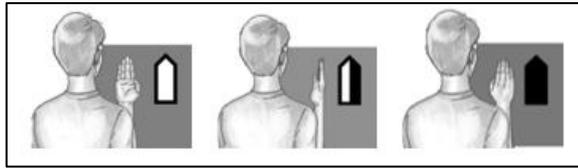
Fonte: Imagem extraída do Livro Como Escrever em Libras

O livro de BARROS (2020) também exhibe como o Sistema *Signwriting* na escrita, deve apresentar-se:

Os sinais são escritos na perspectiva de quem está fazendo o sinal, e não na perspectiva de quem está vendo o sinal que outra pessoa está fazendo. Então quando for escrever, pense em você sinalizando e como você vê a sua mão. (Barros, 2020, p.16)

A Orientação da Palma da mão pode ser percebida por meio desta perspectiva, nas cores branca e preta:

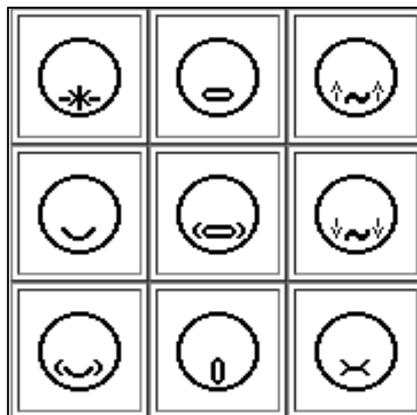
Figura 8 Perspectiva de leitura



Fonte: Imagem extraída do Livro Como Escrever em Libras

Há ainda as expressões não manuais, que são representadas por grafemas que imitam a fisionomia do rosto. Alguns desses traços são:

Figura 9 Expressões não manuais



Fonte: signbank.org⁵

Como observado, cada grafema registrado representa uma função que combinadas geram o entendimento do sinal e, por conseguinte, dos períodos escritos. Há ainda regras gramaticais que expressam pontuação e organização do sentido da leitura – enquanto no português escrevemos da esquerda para a direita, de maneira horizontal; na Libras escreve-se de maneira vertical, de cima para baixo.

De acordo com STUMPF (2009) para escrever desta maneira, é preciso saber um idioma que pertença a esta modalidade – viso espacial –, ou seja, um usuário de Libras conseguirá aprender a escrever em Libras, mas, alguém que nunca sinalizou neste idioma, não obterá êxito. Desta forma, um aluno surdocego usuário de Libras

⁵ Disponível em: <<https://www.signbank.org/signpuddle2.0/searchsymbol.php?ui=12&sgn=116>>. Acesso: 04 ago. 2021.

tátil, tem capacidade para escrevê-lo, basta que o apresentem à Escrita com as devidas adequações.

5 SURDOCEGUEIRA

5.1 Conceituação

A surdocegueira é uma deficiência que compromete a acuidade visual e auditiva podendo ter diferentes níveis de sensibilidade nestes sentidos. O Instituto Benjamin Constant⁶ (2021), considera como surdocego o sujeito que pode ter cegueira e baixa audição; surdez profunda e baixa visão; baixa visão e audição ou ter cegueira e surdez profundas.

São classificados da seguinte maneira (imagem). De acordo com o período do surgimento da surdocegueira e o grau de perda sensorial pode-se elaborar estratégias específicas para a aquisição do conhecimento, como (PASCUAL, POLTI & ZAMBOM apud CRAMBUZZI, 2007, p.23) apresenta:

Figura 10 Surdocegueira Categoria

Momento do surgimento	Grau de perda sensorial
Nascimento	Surdocego total (sem resto auditivo nem visual)
	Surdocego com resto visual
	Surdocego com resto auditivo
	Surdocego com resto auditivo e resto visual
Adquirido (antes da aquisição da linguagem)	Surdocego total (sem resto auditivo nem visual)
	Surdocego com resto visual
	Surdocego com resto auditivo
	Surdocego com resto auditivo e resto visual
Adquirido (depois da aquisição da linguagem)	Surdocego total (sem resto auditivo nem visual)
	Surdocego com resto visual
	Surdocego com resto auditivo
	Surdocego com resto auditivo e resto visual

Fonte: Pascual, Polti & Zambon (2003)

⁶ Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/paas/308-conceituando-a-surdocegueira#:~:text=A%20Surdocegueira%20%C3%A9%20uma%20defici%C3%Aancia,a%20autonomia%2C%20o%20aprendizado%20etc.>> Acesso 11 ago. 2021.

CADER-NASCIMENTO (2000) recorre a denominação Privação Sensorial Associada esclarecendo que é uma deficiência cuja característica central é a carência ou o comprometimento dos canais sensoriais de aquisição das informações do meio. Segundo CADER-NASCIMENTO (2000), o comprometimento dos canais visuais e auditivos afetam o desenvolvimento e a aprendizagem do sujeito e, por tanto, é necessário elaborar estratégias de comunicação afim de que o surdocego consiga adquirir informações.

CAMBRUZZI & COSTA (2007) destacam a importância de metodologias que atendam especificamente um surdocego, não sendo estratégias utilizadas para pessoas surdas ou pessoas cegas, mas sim surdocegas:

A surdocegueira constitui uma deficiência única, não a união de duas deficiências: auditiva e visual, e nem a junção de duas metodologias: uma para os surdos e outra para os cegos. Ser surdocego não significa ser um surdo que não vê e nem tampouco ser um cego que não ouve e sim uma pessoa que apresenta uma combinação das perdas dos sentidos de distância (audição e visão). (CAMBRUZZI e COSTA, 2007, p.2).

O comprometimento visual e auditivo afeta o surdocego interagir naturalmente com o meio externo pois, o que vê, ouve ou toca está limitado ao que se pode alcançar e isto, influencia na aquisição do conhecimento ínsito por meios empíricos. Entretanto, estas limitações não são indicativos permanentes de que o sujeito surdocego não amplie sua compreensão de mundo:

O mundo literalmente para ele se encolhe, é somente do tamanho que ele possa alcançar com as pontas dos dedos ou usando os sentidos de visão e audição severamente limitados e é somente quando aprende a usar seus sentidos secundários como tato, olfato, a consciência cinestésica que ele pode alargar seu corpo de informações e ganhar conhecimento adicional. (Smithdas,1991, p.38 apud Crambuzzi 2013, p.2).

5.2 Libras Tátil

Existem variados métodos de comunicação com pessoas surdocegas, os mais conhecidos são: o Tadoma⁷; o uso ampliado⁸ de textos e imagens; a Libras em campo reduzido⁹ e a Libras Tátil.

A comunicação por Libras Tátil requer que o indivíduo surdocego tenha conhecimento em Libras. É necessário que o emissor – ou o mediador da comunicação - e o receptor da mensagem estejam unidos pelas mãos (imagem). A mediação pode ser realizada por um intérprete de Libras ou um guia-intérprete. Recomenda-se sentar defronte ao surdocego e sinalizar vagarosamente.

Figura 11 Comunicação por Libras Tátil



Fonte: site da Universidade Federal do Acre¹⁰

⁷ Conhecido como leitura labial tátil. O surdocego posiciona sua mão à face do oralizador para poder sentir os movimentos dos lábios, bochechas e as vibrações das cordas vocais; tem como finalidade reconhecer as palavras que estão sendo ditas pelo oralizador.

⁸ Método de comunicação comum para pessoas com baixa visão. O indivíduo surdocego, com resquícios visuais é capaz de ler e compreender textos e imagens ampliadas.

⁹ A Libras em campo reduzido também é uma forma de comunicação. O intérprete, responsável por mediar a comunicação, senta-se defronte ao surdocego e realiza vagarosamente a tradução da língua fonte para a Libras.

¹⁰ Disponível em: <<http://www2.ufac.br/site/noticias/2018/aluna-cega-de-pedagogia-aprende-libras-atraves-do-tato>>. Acesso 14 de ago. 2021.

6 O CURSO DE LSB-PSL NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

O curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como segunda língua (LSB-PSL), com duração de quatro anos, é ofertado presencialmente no período diurno pelo Instituto de Letras (IL) e é de nível superior. Foi implantado na Universidade de Brasília (UnB) no ano de 2015 tendo como uma de suas metas dispor formação adequada aos futuros professores bilíngues em português e Libras. O curso é destinado a estudantes surdos ou com deficiência auditiva, surdocegos e também estudantes não surdos que desejem atuar na educação bilíngue de surdos, em instituições públicas, particulares e federais por todas as regiões do Brasil.

As disciplinas-base para a formação dos alunos de LSB-PSL são ofertadas pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) que é um dos departamentos que constitui o Instituto de Letras (IL). Assim como em todas as graduações da Universidade de Brasília (UnB), os alunos devem matricular-se em disciplinas obrigatórias e optativas que são ofertadas por outros departamentos do IL ou por outras faculdades da Universidade. Os graduandos também são orientados a participarem de disciplinas livres, monitorias, atividades de extensão e pesquisa com a finalidade de qualificar-se em suas áreas profissionais, garantir maior aprendizagem, créditos e horas complementares.

Os estudantes surdos e não surdos que se graduam no curso LSB-PSL são habilitados nas seguintes condições: lecionar em Libras e português como segunda língua; atuar em instituições solucionando problemas de comunicação; capacidade de resolver conflitos sociais e culturais juntamente com o auxílio de outros profissionais; aos estudantes surdos, a capacidade de ingressar em seleções cuja língua de avaliação seja o português e ingressar em cursos de pós-graduação, extensão e pesquisa.

As aulas são ministradas em sua maioria por professores bilíngues e pela mediação de intérpretes de Libras. As disciplinas contam com monitores para o esclarecimento de dúvidas que podem ser solucionadas em sala de aula ou no Laboratório de Libras (LabLibras), destinado aos alunos e professores para gravações de vídeos, organização de atividades, reuniões e atendimento ao aluno. Para os estudantes matriculados, a licenciatura em LSB-PSL promove atividades que contemplem o bilinguismo; como gravações e filmagens em vídeos, uso de

plataformas digitais, seminários e eventos que tenham simultaneamente a Libras e português como língua de comunicação.

6.1 A Disciplina de Escrita de Sinais da Universidade de Brasília

A Escrita de Sinais é ofertada como componente obrigatório aos alunos de LSB-PSL a partir do sexto semestre da graduação e, atribui-se como uma disciplina de quatro créditos, tendo carga horária de 60h. Atualmente é ministrada por uma professora surda bilíngue em Libras e português, graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em linguística, pela Universidade de Brasília.

A língua de instrução para o ensino da Escrita de Sinais em sala de aula é a Língua de Sinais Brasileira, ainda que a língua de comunicação no ambiente em que disciplina é ministrada varie entre a Libras e o português. Como recursos didáticos, são disponibilizados documentos digitais abordando a história, métodos de escrita do *signwriting* e outras escritas de sinais menos usuais. Em classe, utiliza-se projetor de imagens e quadro negro para orientações; aos alunos surdos e não surdos, um caderno de treinamento que, posteriormente, é recolhido pela professora para avaliar e pontuar a escrita dos graduandos.

Alunos surdos e não surdos transpassam pela disciplina sem maiores adversidades, suas dificuldades estão mais relacionadas à rápida compreensão da escrita. Possivelmente, por terem acesso aos materiais didáticos, não encontram obstáculos na leitura e na escrita dos sinais.

Alunos surdocegos, usuários de Libras Tátil, no entanto, podem encontrar dificuldades ainda na explanação do conteúdo; já que os métodos de ensino de *signwriting* têm como base a percepção e a experiência visual. Com o sentido visual comprometido, terá dificuldade em reconhecer os grafemas durante a leitura do material, ocasionando num baixo rendimento acadêmico para a disciplina. Pensando nisso, no ano de 2019, estudantes de LSB-PSL matriculados na disciplina Escrita de Sinais, desenvolveu um protótipo de material didático (imagem) dedicado a alunos com surdocegueira; o intuito do material era o de destacar a percepção sensorial tátil para compreender a escrita de sinais. Usando cartolina, cola, areia e barbante, foi possível representar os grafemas da escrita e reconhecê-los por meio de uma

atividade pedagógica de identificação dos sinais com os olhos vendados. Como não foram matriculados na disciplina alunos surdocegos com esta especificidade educacional, nunca foi empregado.

Utilizando o barbante conseguiu-se delimitar os contornos do *signwriting*; para representar a Orientação da Palma da mão utilizou-se areia:

Figura 12 Material didático produzido



Fonte: compilação do autor¹¹

Desde a fundação do curso até o ano de 2021, foram matriculados na disciplina Escrita de Sinais dois alunos identificados como surdocegos, ambos utilizavam a Libras em campo reduzido e ampliação de imagens e textos como principal forma de aquisição de informação em sala de aula. Ainda sobre a disciplina, não foram encontrados alunos surdocegos que tenham a Libras Tátil como principal forma de comunicação e aquisição de informação, sendo assim, a entrevista a seguir foi realizada por alunos surdocegos com especificidades educacionais diferentes da que este estudo propõe. Contudo, os questionamentos propõem ao entrevistado pensar a realidade do sujeito-alvo da pesquisa.

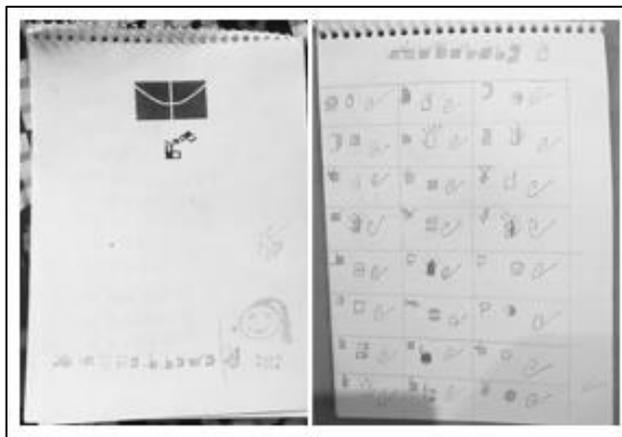
6.2 Produções de sinais escritos por alunos do curso de LSB-PSL

Ao longo do semestre, à medida em que o sistema da escrita era instruído, os alunos surdos, não surdos e surdocegos da disciplina de Escrita de

¹¹ Imagens extraídas na Universidade de Brasília, no ano de 2019.

Sinais, organizavam suas produções numa caderneta de treinamento que, posteriormente, era entregue para a professora fazer as considerações. Veja exemplos:

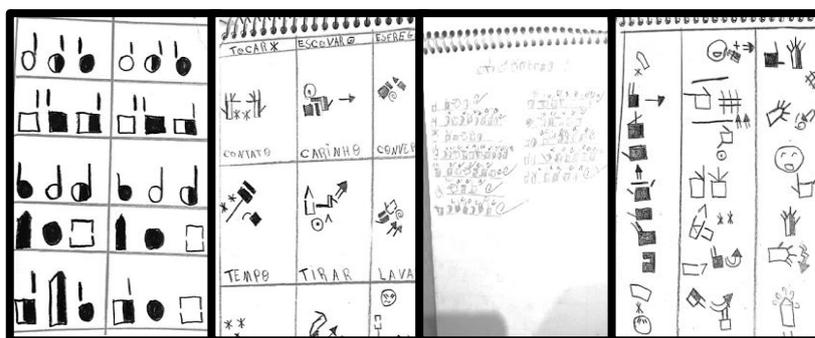
Figura 13 – apresentação da caderneta e avaliação



Fonte: organização da autora

Gradativamente, eram inseridos nos cadernos registros que remetessem ao tema das aulas. Os alunos praticaram o alfabeto datilológico, aprenderam seus próprios sinais, conheceram diferentes configurações de mão e suas respectivas orientações da palma da mão, pontos de articulação, movimentos, expressões faciais, perspectiva de leitura e, absorveram o conhecimento adquirido por meio de atividades como ditados e frases.

Figura 14 – registro dos alunos



Fonte: organização da autora

O *software online* dedicado à difusão e expressão escrita dos sinais – *SingPuddle* –, foi amplamente utilizado pelos alunos; a ferramenta tem a função de

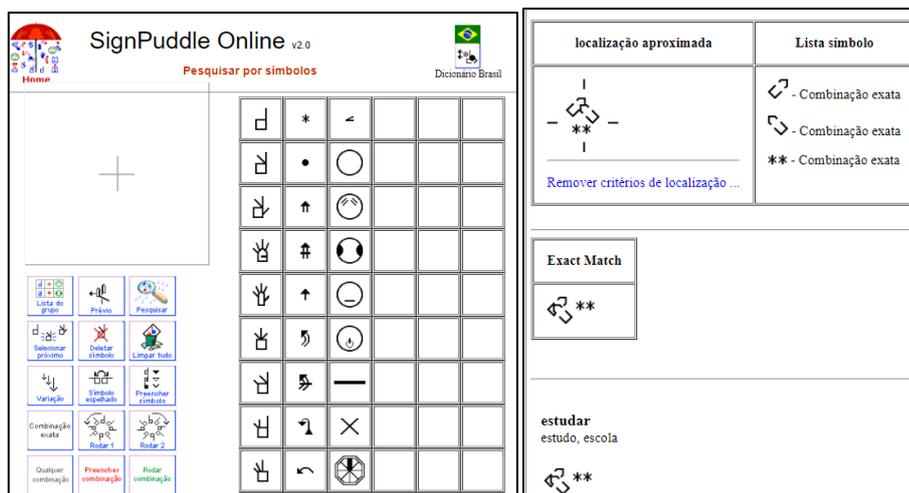
traduzir palavras de uma língua, seja ela sinalizada ou oralizada, para a o *signwriting*. Como observado:

Figura 15 – tradução do português brasileiro para o signwriting



Fonte: software online signpuddle

Figura 16 – tradução por símbolos para o signwriting



Fonte: software online signpuddle

7 OS DESAFIOS DE UMA SURDACEGA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

No artigo publicado pela revista *O Direito Achado na Rua*, pela Universidade de Brasília (UnB), VOGADO et al. (2019) cita experiências vividas por uma aluna surdacega graduanda no curso de Língua de Sinais Brasileira – Português como segunda língua, pela Universidade e suas tutoras.

De acordo com VOGADO et al. (2019), a aluna surdacega dispõe de diversos recursos para acesso à informação no ambiente universitário como posicionamento correto da carteira, presença de guia-intérprete, materiais adaptados e tutoria, no entanto; as autoras em seu artigo citam algumas das dificuldades enfrentadas pela aluna neste espaço. Segundo VOGADO et al. (2019) a aluna surdacega, ao ingressar no curso, não dispunha de um guia intérprete e; quando conquistado este direito, os mesmos não possuíam experiência na área. A velocidade de fala dos professores também foi um obstáculo pois, a condição da estudante requisita que a tradução da língua fonte para a língua alvo seja realizada lentamente, contudo, alguns professores não respeitavam esta necessidade. A Universidade de Brasília garante ao aluno com deficiência a impressão de materiais adaptados no Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual (LDV) e, o que à primeira vista parece ser uma conquista, logo percebe-se que, em decorrência do docente não enviar seu material de ensino com antecedência, o Laboratório não consegue disponibilizar a tempo as impressões para a aluna. As autoras também mencionam o Programa de Tutoria Especial (PTE) por meio da Coordenação de Apoio às Pessoas com Deficiência (PPNE), ressaltando que as mesmas – que são tutoras da aluna surdacega – receberam apenas instruções gerais acerca de como lidar com uma pessoa surdacega.

8 ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOCEGOS: RESULTADOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresentará neste capítulo os resultados de uma entrevista realizada com dois alunos surdocegos que, dentre eles, um ainda está em processo de graduação, cursando o sétimo semestre de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua (LSB-PSL) na Universidade de Brasília.

Os entrevistados serão denominados como N e I, para preservar suas identidades. O sujeito N tem 25 anos, está no sétimo semestre do curso LSB-PSL da UnB e a forma de comunicação mais utilizada é a Libras em campo reduzido combinada com a ampliação de textos e imagens e, em ambientes com pouca iluminação, faz uso da Libras Tátil. Atualmente, o sujeito I, de 27 anos, utiliza a Libras Tátil; no entanto, quando cursou a disciplina Escrita de Sinais, fazia uso da Libras em campo reduzido combinado com a ampliação de textos e imagens. N é considerada surdocegos pós linguístico¹²; e I pré linguístico.

A entrevista foi dividida em duas partes. O primeiro segmento tinha a intenção de abordar a experiência pessoal dos entrevistados na disciplina e, por tanto, foram levantados questionamentos a respeito das dificuldades que os entrevistados têm em ler e escrever em *signwriting*; o receio em reprovar na disciplina; a comparação entre alunos surdocegos e não surdocegos ao aprenderem a escrita; e, por fim, foram questionados a respeito do sucesso ou não de alunos surdocegos, matriculados em Escrita de Sinais, estar diretamente relacionado ao acesso à materiais didáticos adaptados. A segunda parte dedicou-se a questioná-los sobre a produção de materiais didáticos para surdocegos, usuários de Libras Tátil, na intenção de entender as necessidades educacionais deste público nesta disciplina.

Para N, escrever em *signwriting* foi mais difícil que realizar a leitura, de acordo com N, as aulas aconteceram de maneira remota, devido ao período de pandemia; e, por tanto, os caracteres no computador estavam adequados ao tamanho que utiliza para a leitura. Informou que, na época, preocupava-se com a reprovação na disciplina caso não houvesse adaptações nos materiais didáticos físicos - se as aulas fossem presenciais. A entrevistada, ao ser questionada sobre o progresso de alunos não surdocegos em comparação a alunos surdocegos na disciplina, acredita que tenha mais relação ao esforço de cada um, no entanto, é necessário que o surdocego tenha acesso ao material didático adaptado. Demonstrou não conhecer produções didáticas para surdocegos usuários de Libras Tátil na disciplina. Informou que comunica-se desta maneira apenas quando está em ambiente com baixa iluminação ou à noite; como estuda em período diurno, nunca houve necessidade de adaptação para a

¹² Por nascer surda, entrevistada é considerada surda pré linguística, no entanto, por ter aprendido Libras antes da surdocegueira manifestar-se, é classificada como surdocega pós linguística.

Libras Tátil na disciplina. Para N, os recursos devem atender às necessidades hápticas¹³ do sujeito. Considera um desafio, entretanto, não julga como impossível.

Por último, N foi indagada sobre como idealizaria, na disciplina Escrita de sinais, materiais didáticos que fossem voltados para sujeitos surdocegos que, fazem pouco ou nenhum uso de Libras em campo reduzido nem ampliação de imagens e textos e, tem como forma de comunicação principal, a Libras Tátil; a participante, sugeriu que os recursos didáticos fossem adaptados para o código *Braille*.

O entrevistado I, esclarece que sentiu dificuldade em ler os sinais escritos e, quando indagado sobre a opinião dele em relação à existência de materiais didáticos suficientes em *signwriting* e que contemplem alunos com surdocegueira, respondeu que não considera que existam materiais suficientes. Diante do questionamento, cujo objetivo era o de comparar o desempenho de alunos surdocegos e alunos não surdocegos na disciplina, I informa que talvez surdocegos consigam concluir a matéria sem muitas dificuldades, no entanto, o sucesso do aluno surdocego na disciplina de Escrita de Sinais, depende da disponibilidade de materiais didáticos adequados para este público específico.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo observou-se que o *signwriting* tem como base a experiência visual do indivíduo e, atualmente, na disciplina Escrita de Sinais, a instrução e a avaliação efetua-se pela mesma maneira.

Ao tratar sobre materiais didáticos que destaquem a percepção sensorial tátil do sujeito surdocego que adquire conhecimento por intermédio da Libras Tátil, foi possível identificar apenas um protótipo de material para esta finalidade, no entanto, como não foram matriculados na disciplina alunos surdocegos com esta especificidade educacional, nunca foi utilizado. Afim de reflexionar sobre materiais didáticos para este público, a literatura informa sobre diferentes níveis de sensibilidades sensoriais em indivíduos surdocegos, esclarecendo, que é examinando estas singularidades que o docente poderá elaborar estratégias específicas para a

¹³ Em seu livro *Surdocegueira e os desafios da Escrita*, CADER-NASCIMENTO menciona que o toque háptico se difere do toque tátil. A habilidade háptica abrange não somente estímulos cutâneos – como no toque tátil –, mas também estímulos cinestésicos.

aquisição de conhecimento desses alunos; infere-se por tanto que, na disciplina de Escrita de Sinais, o mesmo deverá ser feito. Além de considerar os níveis de comprometimento da visão e audição, é preciso destacar, o fator linguístico – pré ou pós – do sujeito (como observado na figura 10) no seu desenvolvimento educacional; contudo, a presença de surdocegos em ambiente acadêmico pressupõe que superaram a barreira da aquisição de linguagem, não sendo obstáculo para a aceitação de instrumentos com finalidade didática em *signwriting*. Recursos didáticos que priorizem a sensibilidade tátil ou háptica do sujeito surdocego, que recorre à Libras Tátil para adquirir conhecimento de mundo, parece ser o meio mais viável ao planejar a inclusão do aluno na disciplina. As dificuldades enfrentadas por discentes surdocegos abrangem não somente a produção de materiais didáticos, como também a inexperiência de docentes e outros profissionais que se relacionam diretamente com alunos surdocegos.

10 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Thiago Cardoso; CHAIBUE, Karime. Histórico das Escritas de Línguas de Sinais. Revista Virtual de Cultura Surda, n. 15, p. 1-28, mar. 2015. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br>. Acesso em: 01 set. 2021.

BARROS, Ricardo. Como escrever em Libras. 2020. Disponível em: https://www.signwriting.org/archive/docs13/sw1278_BR_Como_escrever_em_Libras_Ricardo_Barros_05292020.pdf. Acesso em: 01 set. 2021.

BRASIL. Instituto Benjamin Constant. O IBC. 2016. Disponível em <http://www.ibc.gov.br/oibc>. Acesso em: 01 set. 2017.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 01 set. 2021.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel; COSTA, Maria Piedade Resende. Possibilidades de Intervenção Pedagógica de Crianças Surdas com Baixa Visão.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel. Surdocegueira e os desafios da Escrita. Curitiba: CRV, 2021. 112 p.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel. Descobrimo a Surdocegueira: educação e comunicação. 2. Ed. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 80 p.

CARRIER, Greici Francieli Machado Stein; MOREIRA, Daniela Almeida. REFLEXÕES SOBRE A SURDOCEGUEIRA: definioes teóricas e um relato de experiência. Espaço, Rio de Janeiro, n. 47, p. 225-245, jan-jun. 2017. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/363>. Acesso em: 01 set. 2021.

CRAMBUZZI, Rita de Cássia Silveira. In: CRAMBUZZI, Rita de Cássia Silveira. Análise de uma experiência de Atitudes Comunicativas entre mãe e adolescente surdocega: Construo de Significados Compartilhados. Orientador: Maria Piedade Costa. 2007. Dissertao (Mestrado) (Pós graduao em Educao Especial) - Universidade Federal de São Carlos, 2007.

DANCEWRITING. Photo gallery 1/67. Disponível em: <https://www.dancewriting.org/library/gallery/source/1.html>. Acesso em: 01 set. 2021.

GODOY, Shirley Alves; VITALIANO, Celia Regina. Conhecimentos Necessários para Atuar com Alunos Surdocegos no Contexto Escolar.

MOREIRA, Daniela Almeida; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS: mapeando propostas e resultados de aplicao na literatura acadêmica nacional. Espaço, Rio de Janeiro, n. 54, p. 187-208, jul-dez. 2020. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/684>. Acesso em: 01 set. 2021.

SIGNPUDLLE online. Versão 2.0. Disponível em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=12&sgn=46>. Acesso em 01 set. 2021.

SUTTON, V. Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução e adaptação: Stumpf, Marianne; Costa, Antonio C. da Rocha. Sd. Disponível em <<http://rocha.c3.furg.br/arquivos/download/licoes-sw.pfd>>. Acesso em 01 set. de 2021.

VOGADO, Sara de Jesus Cardoso; ARAÚJO, Ana Karoline Versiane Soares; OLIVEIRA, Rayane de Souza; ALVES, Natália Marina Basílio; MAGALHÃES, Letícia Matos. Direito à Comunicação e à Informação para Estudantes Surdocegos na Universidade de Brasília. O Direito Achado na Rua: 30 anos de O Direito Achado na Rua, Brasília, dez. 2019.